

Alfredo Veiga-Neto, arqueogenealogia intempestiva de um pensamento¹

Edson Passetti

Heliana de Barros Conde Rodrigues

Ele toca piano, é-foi biólogo, só encontra palavras fortes e sutis para seus parceiros. É um tradutor cuidadosíssimo, um arquivista foucaultiano, um ensaísta equilibrado, o generoso companheiro de convivências amplas e nas contingências urgentes.

Isso tudo, fomos constatando pouco a pouco, desde a generosidade, evidenciada no primeiro encontro. Curioso é lembrar o espanto (e a alegria correlata) que acompanhou, para um(a) de nós, Heliana, a circunstância já longínqua de se deparar, em uma livraria carioca, com a coletânea *O Sujeito da Educação* (Silva, 1994): estariam pensadores ligados à Teoria Crítica, marxistas frankfurtianos, “devindo” outra coisa? – o subtítulo do volume (*Estudos foucaultianos*) não dava muita margem a que a pergunta perdurasse. Notadamente porque, no ano seguinte, *Crítica pós-estruturalista em educação*, já então organizada por Alfredo Veiga-Neto (1995a), confirmaria as diferenças que se afirmavam por intensidades, mais do que por cronologias ou rotulações político-acadêmicas.

Do léxico galego da língua portuguesa, *veiga*, substantivo feminino, é “planície ou vale suave e fértil; terreno plano, bom, de lavradio; grande chaira de terreno comunal; leira destinada à sementeira de milho, batatas, etc.; lavradio onde vários vizinhos têm uma parcela; terreno sempre húmido, normalmente com outono; *estar na veiga*: o mesmo que estar na horta, não tomar consciência ou perceber o que sucede; *veiga com fome*: veiga ou terreno pouco esterçada; *veiga da porta*: veiga que está junto à casa². “Regionalismo: terra de cultivo de centeio ou milho seródio”³. Pré-romana: *baika*, terreno inundado, chã, campina, várzea. É a floração das ameixeiras, anunciando a primavera japonesa (um dos locais mais renomados para se ver a *baika* fica a uma hora e meia de trem de Tóquio, na província de Ibaraki)⁴. *Baika* é também uma prática musical zen-budista⁵. Seria uma

¹ Versão ampliada da publicada em TRAVERSINI et al., 2022.

² <https://www.estraviz.org/veiga>

³ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/veiga>

⁴ <https://www.japanhouseesp.com.br/artigo/baika-floracao-das-ameixeiras/>

⁵ <https://aguasdacompaixao.wordpress.com/atividades/baika-a-pratica-de-musica-zen-budista/>

aeronave a jato a ser construída no Japão durante a II Guerra Mundial, jamais produzida⁶. Veiga-Neto, Alfredo-Alfie, é da beleza, da paisagem, da terra, da música, do que é fértil e alimenta⁷.

Tantas derivações, uma vez mais, evocam Michel Foucault – um dos motivos para que nós e Alfredo-Alfie tantas vezes nos tenhamos encontrado, despreocupados, “na mesma horta”. Pois, quando questionado por afirmar, sem maior apoio nas ciências da linguagem, que, em sua arqueologia do saber, *arché* não remeteria a fundamento ou origem, mas a arquivo, o filósofo francês saiu-se com uma de suas deliciosas ironias: reivindicou, para tanto, os “direitos lúdicos” da etimologia (Foucault, 2005, p. 95).

Queremos também partilhar direitos lúdicos por meio de novas associações. Durante o IV Seminário Internacional *Pensar de Outro Modo*, realizado em Bogotá, no ano de 2018, foi lançada uma coletânea de onze artigos de Alfie, traduzidos para o espanhol, sob o título *Alfredo Veiga-Neto y los estudios foucaultianos en educación*. A compilação foi feita por Carlos Ernesto Noguera-Ramírez, um de seus tantos orientandos latino-americanos, que intitulou *Strange fruit* o prólogo redigido para o volume (Noguera-Ramírez, 2018). Esse título lhe permitiu, por um lado, problematizar a relação entre compositor e intérprete, quando acontece de ambos interpretarem uma mesma canção; por outro, lhe facultou indagar o que ocorre quando um compositor não é intérprete da própria obra. Não será surpresa, para os admiradores do jazz, lembrar que este é o caso da canção composta por Abel Meeropol, mas popularizada pela cantora Billie Holiday. Acerca desse “fruto estranho”, diz Noguera-Ramírez: “a denúncia do militante comunista sobre os linchamentos (enforcamentos) de negros nos estados do sul não teria alcançado o público nem conseguido o impacto ético e político que teve se não fosse pela impressionante interpretação de Billie Holiday” (p. 7).

Southern trees bear strange fruit
Blood on the leaves and blood at the root
Black bodies swinging in the southern breeze
Strange fruit hanging from the poplar trees

Pastoral scene of the gallant south
The bulging eyes and the twisted mout
Scent of magnolias, sweet and fresh
Then the sudden smell of burning flesh

«

Here is a fruit for the crows to pluck

⁶ https://pt.wikipedia.org/wiki/Kawanishi_Baika

⁷ Alfie, que não o da canção de Burt Bacharach <https://www.letras.mus.br/burt-bacharach/261594/> e muito menos o de Lily Allen <https://www.vagalume.com.br/lily-allen/alfie-traducao.html>

For the rain to gather, for the wind to suck
For the Sun to rot, for the trees to drop
Here is a strange and bitter crop⁸

Alfredo, presente desde quando eu, Edson, o conheci no colóquio Michel Foucault, na Unicamp, no começo deste século. Está conosco no Nu-Sol, no Conselho Editorial da revista *verve*. Durante a pesquisa sobre *ecopolítica* nos apoiou com suas reflexões precisas em texto (Veiga-Neto, 2013) e vídeo⁹. Alfredo, pouco depois redigiria, também para a revista *Ecopolítica*, uma imprescindível resenha (Veiga-Neto, 2015) sobre a republicação de *Do cabaré ao lar*, o instaurador livro de Margareth Rago, agora contemplando em seu título *as resistências anarquistas*. Alfredo trouxe o convite para escrever *Anarquismos & educação* (Passetti e Augusto, 2008) para a Editora Autêntica. Alfredo-Alfie Veiga-Neto é um homem de educação múltipla, um intelectual singular, uma pessoa que não cabe em classificações. Vale lembrar, com efeito, que ele mesmo se disse “instituído (...) no talvez estranho cruzamento entre a Música, a Biologia e a Educação”, mas, ao mesmo tempo, armado pelo olhar foucaultiano para suspeitar “de toda e qualquer declaração definitiva e universalizante” (Rago e Veiga-Neto, 2006, p. 10).

Nesse sentido, como dar prosseguimento ao presente escrito? Pelo Alfredo que, rindo muito, em entrevista recente (Dias e Rodrigues, 2020, p. 1210), se vê transformado em um “clássico” em função de artigo por ele quase esquecido, escrito (1976) em coautoria com seu orientador de mestrado¹⁰ e voltado à “resistência de populações naturais frente a radiações ionizantes de cobalto 60”? Pelo Alfredo[,] invariavelmente[,] “agrupado/agrupador” nas universidades pelas quais passa, desde aquele seminário dos fins de tarde das segundas-feiras na UFRGS, do qual emergiram os (hoje) tranquilamente intitulados “Estudos Foucaultianos em Educação”¹¹? Pelo Alfie “auleiro”, como o apelidaram, entre a provocação e o elogio, professoras-amigas da UFRGS, o que resultou,

⁸ Billie Holiday. Strange fruit. <https://www.youtube.com/watch?v=Web007rzSOI>

⁹ Vídeo. Transformações da biopolítica 1. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/17761/13265>

¹⁰ Orientada por Antônio Rodrigues Cordeiro e defendida em 1975, a dissertação de mestrado em Genética de Alfredo Veiga-Neto tem por título *Carga genética em populações de Drosophila willistoni habitando região de elevado nível de radiação natural*.

¹¹ O seminário era coordenado por Tomaz Tadeu da Silva, orientador da tese de doutorado de Alfredo (Veiga-Neto, 1996). Atualmente, este coordena o GPCC – Grupo de Pesquisa em Currículo e Contemporaneidade –, anteriormente GEPCPs – Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículo e Pós-modernidade, na UFRGS, e o GEPI/CNPq – Grupo de Estudo e Pesquisa em Inclusão, na UNISINOS. Amplia conexões editando o portal *Foucault et alii* - [http:// www.michelfoucault.com.br](http://www.michelfoucault.com.br)

em função da proximidade com a formação dos alunos, em mais de 50 dissertações e teses orientadas? Pelo Alfie editor, cujo trabalho cuidadoso de seleção/organização fez existir a coleção “Estudos Foucaultianos” na Autêntica, de Belo Horizonte, que conta hoje com 17 títulos¹²? Pelo Alfredo mais afeito, quanto aos conceitos foucaultianos, ao rigor lexicográfico do que aos direitos lúdicos da etimologia, porém nem por isso distante de um imprescindível humor, como o usado ao falar do “dragão” do Currículo Lattes (Veiga-Neto, 2009) ou das sete, dez ou doze pragas da Pedagogia Moderna¹³? Ou pelo Alfredo que começa a praticar uma das “outras arqueologias” que Michel Foucault, em *A arqueologia do saber*, imaginou passíveis de invenção, fazendo com isso ressoar com intensidade ainda maior a musicalidade¹⁴ que sempre o acompanhou no âmbito textual?

Entre todos esses caminhos, escolhemos...outro. Decidimos realizar uma precária, mas sincera, “arqueogenealogia intempestiva” das participações de Alfie nos 11 Colóquios Internacionais Michel Foucault realizados no Brasil e já publicados¹⁵. Alfredo é um dos poucos pesquisadores brasileiros a ter participado de todos esses colóquios; foi, ademais, o organizador de significativa parte deles e/ou das respectivas publicações; tais colóquios permitem analisar inflexões do pensamento de Foucault entre nós, em diferentes campos, o educacional inclusive; a “arqueogenealogia intempestiva” que propomos mais uma vez se alia ao Foucault de *A arqueologia do saber* por não aspirar a uma “história global” – aquela que tudo remete a um único princípio material ou espiritual –, mas a uma “história geral” – aquela que tudo acolhe como positividade e por tudo se interessa como elemento de alguma série, a fim de compor uma narrativa que consiste em uma “série de séries” e procura especificar as relações que essas séries mantêm entre si (Foucault, 1987a, pp. 11-12).

Arqueogenealogia intempestiva

O próprio Alfie nos auxilia na aventura proposta. Inclinado ao cuidado de si como possível resistência a ser governado por outrem, ele tem na “releitura de si” um exercício

¹² Também pela Autêntica, na coleção Pensadores e Educação, foi publicado o livro autoral *Michel Foucault e a Educação* (Veiga-Neto, 2003).

¹³ A depender da publicação, varia o número de pragas identificado, mas a Pedagogia Moderna sempre estaria infectada por alguma(s) delas. Incluem-se: transcendentalismo, finalismo, catastrofismo, fundamentalismo, salvacionismo, denunciismo, redentorismo, prometeísmo, prescritivismo, messianismo, metodologismo e reducionismo – todas tendo por base o realismo, o fundacionismo e o essencialismo (Veiga-Neto e Lopes, 2015, pp.60-61).

¹⁴ Na arqueologia da música que começa a praticar, Alfie é acompanhado, entre outros, por Alessandro Francisco (2019) e Thiago Casarim (2019), cada um com estilo singular.

¹⁵ O IX Colóquio, realizado em 2015 no Instituto Brennand (Recife), não foi publicado. O XII Colóquio, desenvolvido na modalidade remota e recém publicado (Muchail et al., 2023), não pôde ser aqui incluído.

constante. Assim, no artigo em coautoria¹⁶ publicado na coletânea derivada do VII Colóquio Internacional Michel Foucault, afirma sobre participações anteriores: “...em 1999, a discussão que trouxemos para o I Colóquio (...), realizado na UERJ, tratava especificamente das relações entre a governamentalidade neoliberal e a educação. (...) Naquela época estávamos tentando aplainar o terreno nomenclatural. (...) A parte inicial desses nossos esforços (...) deu origem às discussões acerca dos usos das palavras governo, governmento, governabilidade e governamentalidade. Eram os tempos do II Colóquio Internacional (...), na UNICAMP, no ano 2000. (...) Ainda nas trilhas dos estudos conceituais, no III Colóquio, já no ano 2004, mas ainda na UNICAMP, discutimos as relações entre dominação, violência e poder, (...) em alguns pontos caminhando, atrevidamente, na contramão de Michel Foucault” (Veiga-Neto e Lopes, 2013, pp. 104-105).

No que tange ao I Colóquio, vale lembrar que, em 1999, dos 13 cursos de Foucault no *Collège de France*, apenas dois tinham sido publicados: *Les anormaux* (Os anormais)¹⁷ e *Il faut défendre la société* (Em defesa da sociedade)¹⁸. Este último favorecia debates sobre a noção de biopolítica, sobretudo devido à aula final, mas não oferecia subsídios quanto ao que Foucault considerava a condição para apreciá-la com consistência, ou seja: o liberalismo e o neoliberalismo entendidos como modos de governar.

Cumprе ainda ressaltar que são poucos os autores franceses que consideram relevantes as proposições de Foucault no âmbito da educação. Entre aqueles que abordam esse *desuso* do filósofo está François Dubet (2014), no artigo *Foucault et l'école: une absence d'usage*. Os motivos por ele apontados podem ser assim resumidos: a crítica escolar francesa não é foucaultiana porque repudia as conexões estabelecidas, nas duas últimas partes de *Vigiar e punir*, entre a escola, a prisão, o hospital, o quartel e a fábrica – “A prisão: um quartel um pouco estrito, uma escola sem indulgência, uma oficina sombria, mas, levando-se ao fundo, nada de qualitativamente diferente” (Foucault, 1987b, p. 196).

Por sua parte, para introduzir, no artigo datado de 2000, o tema dos nexos entre governamentalidade neoliberal e educação, Alfie não aguarda uma oportunidade de ir a

¹⁶ Alfredo publica frequentemente em coautoria. A partir da criação do GEPI/CNPq, Maura Corcini Lopes tem sido sua companheira mais constante, geralmente em discussões sobre a inclusão social.

¹⁷ Ver Foucault, 1999a. Em português, Foucault, 2001.

¹⁸ Ver Foucault, 1997a. Em português, Foucault, 1999b.

Paris para consultar os áudios dos cursos do final dos anos 1970. Além dos resumos já publicados (Foucault, 1997b) e da compilação *Dits et Écrits* (1994), utiliza abundantemente as contribuições de autores de língua inglesa e espanhola, que, ao contrário dos franceses, não se apegam tanto ao diagrama panóptico e exploram, quase sempre de forma inventiva¹⁹, as conexões entre o educar e o governar.

Para analisar a escola, Alfredo reativa um argumento também presente em *Vigiar e punir*, embora não restrito ao tema do panoptismo. Assim como a prisão, ao ver de Foucault, não fracassa – se não reabilita/reeduca, como previra, cria pseudópodes para a ação da polícia e, notadamente, divide os trabalhadores, inclusive em seu próprio seio, em bons e sob suspeita –, tampouco a escola moderna falha em atingir seus ideais. Nas palavras de Alfredo (Veiga-Neto, 2000, p. 191), “escola moderna e ideais iluministas estão historicamente articulados e emaranhados numa mesma episteme”. Recorrendo à noção deleuziana de *causalidade imanente*, ele assim prossegue: “...nem tais ideais são anteriores à escola, nem são independentes dela e nem mesmo a escola surgiu para resolver a sua não consecução” (pp. 191-192). Recusando a perspectiva dialética, conclui: “...ao invés de uma contradição, o que existe é uma articulação produtiva entre escola e modernidade”. Na contundente argumentação de Alfie, “o que é visto como problema – a sujeição dos corpos e mentes, o disciplinamento, a desigualdade etc. – faz parte das próprias condições de possibilidade de funcionamento da escola moderna e da fabricação do sujeito moderno” (p. 192).

Quanto ao *II Colóquio*, assiste-se à reativação do cuidado de si via nova releitura: Alfie pronunciara a conferência de abertura na UNICAMP, intitulada “O descontrole da máquina: a escola na sociedade de controle”²⁰; o artigo publicado, entretanto, chama-se “Coisas de governo...” (Veiga-Neto, 2002, pp.13-34). Conquanto não seja incomum que conferencistas falem algo nos colóquios e escrevam coisa distinta para a publicação correspondente, a justificativa da mudança indica o quanto o percurso de um organizador de coletânea é irredutível a mero “trabalho técnico”. A respeito, Alfredo escreve:

¹⁹ No artigo em pauta, Veiga-Neto (2000, p. 215) diferencia autores da vertente crítica que acoplam o pensamento de Foucault a posturas com ele pouco compatíveis – Henri Giroux e Michael Apple, por exemplo – daqueles efetivamente sintonizados com a lógica foucaultiana, como Thomas Popkewitz, Julia Varela, Fernando Álvarez-Uría, Jorge Larrosa, Ian Hunter e Michael Peters.

²⁰ O *II Colóquio* reuniu Foucault e Deleuze sob a pergunta “que estamos fazendo de nós mesmos?” A respeito desse título, Alfredo comentou mais tarde: “Nesse aspecto, como em vários outros, Foucault é um herdeiro direto de Nietzsche. Lembro aqui as famosas perguntas nietzscheanas: “que estamos fazendo de nós mesmos?”, “que estão os outros fazendo de nós?” (Veiga-Neto, 2006b – Disponível em <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/550-alfredo-jose-da-veiga-neto>).

“...enquanto eu reunia os textos (...), fui me dando conta de que talvez valesse a pena sistematizar algumas ideias com as quais eu já vinha me debatendo e que, até mesmo, haviam surgido ao longo do Colóquio”. E logo se torna mais explícito: considera que determinadas passagens dos artigos coletados se tornariam mais nítidas, no que tange à *crítica à razão política*, “caso houvesse, em nossa língua, palavras capazes de expressar melhor certos conceitos do campo semântico relacionado com os estudos foucaultianos e deleuzianos” (p. 14).

Novamente emergem diferentes idiomas, desponta uma vez mais o cuidado lexicográfico e etimológico²¹; para além dessa continuidade, entretanto, inflexões marcantes estão presentes nesse escrito que, não obstante permeado de minúcias nomenclaturais, está mais voltado às problematizações do que às soluções definitivas. Tentando resumi-lo sem atenuar tal característica, recorreremos às próprias palavras de Alfredo, pois avaliamos que possuem uma *vida secreta*²²: o artigo propõe “a ressurreição de governo e a defesa de governamentalidade” (p. 17) para traduzir *gouvernement* e *gouvernementalité*, respectivamente.

Hoje podemos afirmar que a defesa foi extremamente bem-sucedida, contribuindo para que, em publicações futuras – seja de traduções dos cursos de Foucault (2008a; 2008b), seja de artigos brasileiros relacionados a esses cursos –, não mais se usasse a palavra “governabilidade” para traduzir *gouvernementalité*, e tampouco se propusesse entender governamentalidade como governo da, ou por meio da, *mentalidade*. Mesmo porque governabilidade é o que os políticos e os politólogos esperam dos governos estáveis. Porém, no que tange à ressurreição proposta, nem “governo” – termo presente em dicionários antigos, mas relegado ao desuso –, nem o menos eufônico, porém talvez mais preciso “governança” ganharam vida nova entre nós. Fica a pergunta: gostamos da ambiguidade da palavra governo, que tanto denota instância quanto ação – característica que se perderia com a diferenciação estrita entre governo (para traduzir *gouverne*) e governo/governança (para traduzir *gouvernement*) –, ou nossa insistência em utilizar unicamente “governo” sugere que o fantasma do Estado como “monstro frio” (Foucault, 2008a; 2008b) continua a nos assombrar, dificultando pensar sua genealogia que, de acordo com o filósofo, apresenta a “governamentalização do Estado” como uma invenção recente?

²¹ As dificuldades associadas à utilização de um único termo, em português, para traduzir termos distintos do vocabulário foucaultiano já tinham sido mencionadas em Veiga-Neto, 2000, p. 214, nota 1.

²² A *vida secreta das palavras* é o título de um belo filme espanhol dirigido por Isabel Coixet (2005).

O terceiro colóquio, realizado na UNICAMP em 2004, nos traz um Alfredo que, para utilizar uma de suas expressões preferidas, pratica uma “fidelidade infiel” a Michel Foucault: o nome do filósofo sequer consta do título do artigo publicado no primeiro dos livros relativos aos encontros internacionais editados pela Autêntica (Rago e Veiga-Neto, 2006). A intenção declarada do texto é a de se revestir de um caráter “quase experimental”, deixando Foucault “um pouco para trás” e focalizando as práticas escolares como estando “a serviço da lógica imperial” (Veiga-Neto, 2006a, p. 16).

Nesse intuito, Alfredo volta a se envolver com léxicos e etimologias, visto considerar um tanto ambígua, ou mesmo ambivalente, a postura de Foucault quanto à categoria *dominação* – ora o filósofo lança mão dela como algo quase equivalente a poder, ora distingue radicalmente as relações de dominação das relações de poder, afirmando que as primeiras bloqueiam as últimas. Em uma tentativa singular de “polir alguns conceitos”, a relação de dominação é entendida por Alfie como “uma operação em que uma parte quer trazer a(s) outra(s) para o seu domínio, ou seja, para sua casa, seu domo, sua morada – do latim *domus* (...)” (p. 20).

Após esse exercício (sério) de etimologia, violência e poder podem emergir seja como *espécies* distintas do *gênero* dominação – um modo de dizer que parece reativar marcas da graduação de Alfie em História Natural –, seja, em uma inflexão mais espinosista, como *modalidades* distintas (violenta e/ou poderosa) de toda e qualquer “técnica de governo” (p.23). Enquanto a primeira espécie ou modalidade, a violência, “quebra”, exercendo-se diretamente sobre os corpos, a segunda – o poder ou, mais propriamente, o poder disciplinar – “dobra”; enquanto a violência se dá “antagonicamente”, o poder se exerce “agonisticamente”. Melhor dizendo, e já agora em uma tonalidade não de todo afastada do lúdico e/ou do poético, ao passo que uma, o poder, “se dá com algum consentimento e até mesmo com sentimento das partes envolvidas; a outra se dá sem consentimento e contra o sentimento da parte que a sofre” (p. 29).

Não nos estenderemos nessas incursões conceituais – às quais se somam debates analítico-críticos sobre estratégia, racionalidades, técnicas de si, instituições, liberdade, disciplina (dos corpos individuados e do *corpus* dos saberes), biopoder, massa, multidão e população, positividade e negatividade, interdisciplinaridade etc. –, em termos de sua correspondência, ou não, às ideias de Foucault. Preferimos afirmar que são, decerto, promotoras de desejáveis deslocamentos no âmbito educacional, o qual, com alguma frequência, “pedagogiza” ou “curriculariza” Foucault e, com isso, o esteriliza. Em uma direção radicalmente distinta, quase ao fim do artigo, Alfredo se vê equipado, com o

auxílio suplementar de Hanna Arendt, para definir a educação como “o processo pelo qual os outros são trazidos ou conduzidos para a nossa cultura, sejam eles os recém-chegados – crianças e estrangeiros (...) –, sejam eles os ‘inclusíveis’ – anormais e estranhos” (pp. 29-30).

Ao afirmar que quando educamos o outro o aproximamos de nosso domínio, Alfie convida o leitor a ver a educação, em particular a escolarizada, segundo as variadas formas de dominação com que ela historicamente se apresenta. Entretanto, na contramão do discurso pedagógico, nisso nada vê de lamentável, e sim de favorável a que nos distanciemos de uma série de “pragas” pedagógicas, sobretudo do messianismo, do salvacionismo e do redentorismo.

Nesse sentido, o artigo de Alfredo nos fez lembrar de outro, escrito por Bento Prado Júnior (1980), “A educação depois de 1968, ou cem anos de ilusão”, publicado há mais de 40 anos em uma coleção intitulada Debates. Recorrendo a Bourdieu, Foucault e Ariès, após evocar um pré-68 quando, grosso modo, filósofos e pedagogos, à direita e à esquerda do espectro político, discutiam as estratégias da educação sem problematizar o lugar social da escola – sempre vista como instrumento da instauração da sociedade desejável –, o texto, em seguida, se desloca quanto a esse século de ilusão. Retoma então a pista fornecida por Nietzsche, no século XIX, relativa à gênese da vontade de verdade: “A velha proposição de Bacon ‘saber é poder’ recebe nova luz e, com ela, um novo sentido que a arranca de seu berço primitivo, fundamentalmente otimista. Viragem que subverte todas as oposições tradicionais: antes o saber era o poder que os homens partilhavam numa luta comum pela dominação das forças cegas da natureza; hoje o saber, privilégio de alguns, pode ao menos ser visto como um instrumento que lhes permite a dominação e a manipulação dos outros homens, essa nova e inesperada figura da matéria, como ela cega e passiva” (Prado Júnior, s/d, s/p)²³. Tanto Alfredo Veiga-Neto como Bento Prado Júnior conhecem/conheciam bem os efeitos subjugadores dos otimismo pedagógicos ancorados na vontade de verdade – efeitos esses que hoje se tornam ainda mais nítidos, embora muitos digam ser de “pós-verdade” o momento que vivemos.

Retornemos agora, conforme previsto, à releitura de suas participações nos Colóquios Internacionais, empreendida por Alfredo: “A partir do *IV Colóquio*, realizado

²³ Utilizamos, para a citação, a versão publicada na revista eletrônica *Campo Aberto*. Ver <http://www.revistacampoaberto.com.br/>

na UFRN, em 2007, retomamos o tema do neoliberalismo²⁴ (...). Foi assim que no V *Colóquio*, em 2008 (...) na UNICAMP, problematizamos as relações entre a performatividade neoliberal e a Educação, pelo viés da ‘curriculofilia’ (...). Há dois anos, no VI *Colóquio*, na UFRJ, entramos em cheio nas discussões sobre as relações entre a governamentalidade, o neoliberalismo e a Educação” (Veiga-Neto, 2013, p.105).

No artigo correspondente ao V Colóquio (Veiga-Neto, 2009) – originalmente uma conferência de abertura –, por meio da oportuna ajuda de Mário Quintana em *Poeminha do contra* – “Todos esses que estão aí/ atravancando meu caminho/Eles passarão.../Eu passarinho” –, o tema do evento, *Introdução à vida não-fascista*, é reativado com a ironia e o humor que o próprio Michel Foucault imprimira, em 1977, ao prefácio estadunidense (Foucault, 1991) de *O Anti-Édipo*. livro de Deleuze e Guattari.

Já nos percebíamos, então, grandemente “atravancados”. Alfredo põe em cena os três principais adversários que, segundo Foucault, nos travam “o pensamento, o desejo e a ação política” (Veiga-Neto, 2009, p. 14): os funcionários da verdade, os técnicos do desejo e o fascismo – menos o fascismo facilmente identificável, de Mussolini e Hitler (e hoje de quantos mais, de cujos nomes poupamos o leitor), do que aquele que eventualmente permeia a pele que habitamos.

Afeito a trabalhar com problematizações delimitadas em lugar de propor grandes teorias sistemáticas, Alfie explora o modo como essa tríade afeta uma dimensão talvez inesperada, porém intrínseca à vida acadêmica que partilhamos: o currículo. Fala em três adversários *do* currículo e, hoje, a expressão nos provoca certo estranhamento: adversários *do* currículo ou adversários *mediante o* currículo?

O artigo, após explorar a polissemia do termo currículo – caminho, atalho em um caminho, corrida, ação de correr, programação pedagógica, documento que contém os dados relativos a alguém –, conclui que todos esses sentidos convivem lado a lado desde o século XVII, pelo menos, indicando, na forma latina *curriculum*, um curso, ou seja, a ação de percorrer determinada trajetória.

Atualmente, tal ação tanto pode sugerir a institucionalização da educação escolarizada em seus diversos níveis – do fundamental ao universitário – mediante objetivos a atingir e conteúdos a incorporar em cada um deles, quanto o documento que

²⁴ Não há artigo de Alfredo no livro derivado do colóquio da UFRN, “Michel Foucault cartógrafo: um pensador dos espaços, das margens, dos limites e das fronteiras”. Por mais que tentássemos saber o motivo – dificilmente ele não teria estado presente, pois foi, inclusive, um dos organizadores da publicação subsequente –, nossos limites de discrição não o permitiram.

elaboramos para retratar nossa própria vida – quase sempre acadêmica, embora não exclusivamente –, na forma de *curriculum vitae*. Segundo Alfredo, pouca diferença existe, aliás, entre essas alternativas: “o sujeito acaba sendo o que é não apenas porque ele é descrito assim ou assado por seu currículo, mas também porque ele vai se pautando pelo seu próprio currículo, de modo a ir se vendo, se narrando, se julgando e, com isso, montando sua trajetória segundo aquilo que ele quer ser ou aquilo que ele pensa que deve ser” (p.19)

Não é difícil perceber o quanto os funcionários da verdade são decisivos nesse processo, ao estabelecerem o que seria desejável incorporar a nosso *currículo*, dado que somos continuamente “monitorados, rastreados, controlados, avaliados” por intermédio dele, entendido seja como “currículo-programação”, seja como “currículo-trajetória de vida” (pp. 19-21). Já os técnicos do desejo, para usar os termos deleuzianos reeditados por Foucault, pautam a valorização na “lei binária da estrutura e da falta” (p. 23).

Nesse momento, nós, que subscrevemos o presente artigo, não podemos evitar a pergunta: ao escrever sobre Alfredo Veiga-Neto estaremos, nem que seja parcialmente, nos tornando algum desses *personagens de sujeição*? Para usar as palavras de Alfie, estaremos alimentando “o monstro sagrado chamado Currículo Lattes”, lançando novo registro às “garras grotescas do dragão”? (p. 24). Se algo nos salva de responder positiva e compungidamente a essas perguntas, esse algo é o terceiro adversário *do* currículo (ou *mediante o* currículo), ou seja, o fascismo “que nos faz amar o poder, desejar essa coisa que nos domina e explora” (Foucault, 1991, *apud* Veiga-Neto, 2009, p. 24). Não caímos de amores pelo poder, não nos apaixonamos por ele. E como é justamente tal fascismo, no fim das contas, que alimenta os dois primeiros adversários de qualquer vida que ouse dizer seu nome, podemos prosseguir.

A deriva não nos fez esquecer o estranhamento já mencionado: são eles adversários *do* currículo? Em certo sentido, justamente o oposto: incitam a curriculofilia, incentivam a curriculização da existência. Mas, em outro sentido atribuível ao conectivo *do*, decerto o são: é *por intermédio do* currículo que, em grande medida, atravancamos nossa vida, sobretudo acadêmica. Pois enquanto Quintana fala em passarões e passarinhos, Deleuze, citado por Alfie, alimenta nosso zoopensamento advertindo que, mais do que nunca, temos vivido como “serpentes endividadas” (Veiga-Neto, 2009, p. 24).

Passemos agora ao VI dos eventos. Alfie não se esquece de comemorar os 10 anos de realização do I Colóquio (1999), saudando os presentes (e os leitores) pela série de

encontros que vê caracterizados pela combinação “entre a vontade de saber e o esforço para pensar de outro modo, entre o cultivo da amizade e o respeito às diferenças, tudo isso ao abrigo da alegria do convívio comum” (Veiga-Neto, 2011a, p. 13).

As mesmas palavras poderiam ser aplicadas ao próprio Alfredo. E elas se desdobram, em sua voz e texto, em três passagens foucaultianas que, generoso como sempre, ele oferece, em tradução própria, como ponto de partida para pensar o nexo entre filosofia e política. A primeira, muito famosa, sobre filosofia está em “Modificações”, a surpreendente abertura de *O uso dos prazeres*, onde Foucault indaga/provoca: “Mas o que é a filosofia hoje em dia (...) senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento?”. Em seguida, reindaga/desacomoda: “... e se ela não consiste, ao invés de legitimar aquilo que já se sabe, num empreendimento de saber como e até que ponto seria possível pensar de outro modo?” (Foucault, 1984a, *apud* Veiga-Neto, 2011a, p. 14).

A segunda passagem, sobre política, está no debate entre Foucault e Chomsky, datado de 1971: “Parece-me que, em uma sociedade como a nossa, a verdadeira tarefa política é criticar o jogo das instituições aparentemente neutras e independentes, e criticá-las e atacá-las de maneira que a violência política que nelas se exerce obscuramente seja desmascarada e se possa lutar contra ela” (Foucault, 1984b, *apud* Veiga-Neto, 2011a, pp. 14-15). Alfredo não se estende em comentários sobre as palavras de Foucault, pois privilegia a problematização e não a coerência de sistemas. Mas decerto a expressão “violência política” (associando violência e poder) e a referência a um desmascaramento (em termos análogos aos usados pelos teóricos da ideologia) poderiam ser objeto de proveitosas considerações de sua parte.

Por fim, uma terceira passagem é destacada: ainda no debate com Chomsky, o mediador Fons Elder pergunta a Foucault por que motivo se interessa mais pela política do que pela filosofia. A resposta é cortante e também bastante longa, mas pensamos que não perde o fio em uma transcrição parcial: “Eu jamais me ocupei com a filosofia. (...) Sua pergunta é: ‘por que eu me interesso tanto pela política?’ (...) A essência da nossa vida é feita, afinal, do funcionamento político da sociedade na qual nos encontramos. Assim, eu não posso responder à pergunta (...); posso apenas responder-lhe perguntando: ‘por que eu não deveria estar interessado?’” (Foucault, 1984b, *apud* Veiga-Neto, 2011a, p. 15).

As passagens oferecidas por Alfredo logo passam, qual mosqueteiros, de três a quatro, ao incorporarem uma entrevista concedida por Foucault, em 1981, a Didier Eribon. Indagado sobre a atividade crítica, assim responde o filósofo: “A crítica consiste

em desentocar o pensamento e em ensaiar a mudança; mostrar que as coisas não são tão evidentes quanto se crê, fazer de forma que isso que se aceita como vigente em si não o seja mais. Fazer a crítica é tornar difíceis os gestos fáceis demais” (Foucault, 1984c, *apud* Veiga-Neto, 2011a, p. 16).

Demoramo-nos nessas palavras de abertura do VI Colóquio porque elas nos parecem fundamentais para caracterizar o “modo-Alfredo” de proceder, qual seja, sempre disponibilizar ao ouvinte/leitor os subsídios de que este necessita para pensar por si mesmo (*sapere aude*), naquela direção proposta por Kant no texto minoritário *O que é o Esclarecimento?*, tornado famoso por Foucault. Nesse sentido, Alfredo age em uma direção radicalmente oposta à presente em outro texto kantiano, que aborda a função exercida pela escola: “Enviam-se *em primeiro lugar* as crianças à escola não com a intenção de que lá aprendam algo, mas com o fim de que elas se habituem a permanecer tranquilamente *sentadas*, e a observar pontualmente o que se lhes ordena” (Kant, 1962, *apud* Veiga-Neto, 2000, p. 215, nota 10).

Umas poucas palavras ainda sobre o VI Colóquio, agora baseadas na participação em mesa redonda, depois artigo, de Alfredo. Ele se preocupa em fazer três esclarecimentos: distinguir o liberalismo do neoliberalismo, mostrando que os dois modos de governar não se identificam e tampouco estão em simples continuidade – apoiando-se, para tanto, em contribuições de Bauman, Lazzarato, Negri e Sennett; mostrar as ressonâncias foucaultianas de tais diferenciações, com base nos cursos do Collège de France então recém publicados no Brasil (Foucault, 2008a; 2008b) e nas articulações entre Foucault e Deleuze (1988; 1992) no que tange aos nexos e distinções entre os *dispositivos de segurança* e os *dispositivos de controle*; especular, apoiado na noção deleuziana de causalidade imanente, sobre os efeitos, quanto à escola, dos modos contemporâneos de conduzir condutas, dando particular destaque à noção de *noopoder*²⁵ (Lazzarato, 2006). Este incide sobre a vida, “não aquela no sentido de *bios* ou de *zoé* (...), mas a vida conforme definem Tarde e Bergson, a vida como memória” (Veiga-Neto, 2011b, p. 47). Todo esse trabalho conceitual de Alfie acaba por convergir para uma descrição das novas configurações do trabalho docente – flexibilização, desprofissionalização, substituíbilidade e enfraquecimento político, entre outras –, assim como para uma caracterização daquilo que caberia à escola atualmente – a formação de sujeitos mediante um processo de aprender a aprender que significa “tornar-se empresário

²⁵ Noção criada por Lazzarato a partir do prefixo grego *nous* como a parte mais elevada da alma: o noopoder atua modulando os cérebros, capturando a memória e a atenção.

de si”, gestionando seu capital humano com as técnicas aprendidas numa instituição neogovernamentalizada.

O VII Colóquio, realizado em 2011 na PUC-SP sob o título *O mesmo e o outro*, saudava os 50 anos de publicação de *História da Loucura*. Se até então o neoliberalismo, como modo de governar, aparecia, no discurso de Alfredo, relacionado aos processos educativos, especialmente escolares, a partir de 2011 a racionalidade neoliberal passa a ser problematizada em seus vínculos com a *inclusão social*.

Para tanto, nova categoria ganha realce: a de rebatimento. Adicionando a geometria descritiva à coleção de campos de saber que constituem Alfie como um fruto estranho (embora saboroso), o texto assim a define: “processo no qual um plano se desloca, tomando como eixo de deslocamento a linha em que esse plano intercede com qualquer outro plano, de modo a coincidirem um com o outro. Feito o rebatimento, ambos os planos se fundem, se confundem, tornam-se um só plano (...), de modo que todos os planos de um coincidem com todos os planos do outro” (Veiga-Neto e Lopes, 2013, p. 105). Mais uma vez, são oferecidos subsídios para que o leitor possa pensar com autonomia ao menos relativa, pois, em termos de rebatimento, as coisas se passam como se, “no processo de educar, os outros, aqueles que se situam num plano, fossem rebatidos para o plano onde já se situam os mesmos” (p. 108). A frase funciona, ademais, para vincular a apresentação oral e o artigo dela derivado²⁶ à temática do colóquio, extrapolando, desejavelmente, as limitações ao problema da loucura.

Pouco antes, no entanto, Alfredo e Maura haviam questionado a própria estratégia utilizada, dizendo: “pedimos escusas se, em algumas passagens, nos concentrarmos em detalhes e explicarmos demais alguns conceitos já bem conhecidos por quem nos lê e escuta” (p. 104). Ora, se Alfredo é um cuidadoso “leitor de si”, dificilmente seus ouvintes e leitores se aborreceriam em viajar pela geometria descritiva para pensar de outro modo ou, ao menos, mediante outra estilística, as noções de normação e normalização, tão importantes no curso *Segurança, território, população* para diferenciar/articular dispositivos disciplinares e dispositivos de segurança – segundo a norma se situe em anterioridade à produção de corpos ou somente depois desta, com base em curvas de normalidade. Em ambos os casos, vale dizer, “o gradiente de anormalidade varia em função do quanto varia a efetividade do rebatimento” (p. 106), seja a variação em pauta a diferença individual quanto ao modelo previamente prescrito (disciplina) ou a diferença

²⁶ Tanto a apresentação no colóquio quanto a publicação do texto foram feitas em associação com Maura Corcini Lopes.

da distribuição de casos quanto a distribuições outras, entendidas como mais favoráveis (segurança). Prosseguindo no oferecimento de subsídios de leitura, o texto ainda sugere acrescentar ao léxico de tonalidade foucaultiana a palavra *normatizar* e suas derivadas para designar “as operações de criar, estabelecer ou sistematizar as normas” (p. 106) – o que faculta ver os *dispositivos normatizadores* como aqueles envolvidos com o estabelecimento das normas de modo codificado e formal.

O núcleo do artigo, no entanto, consiste em pensar a dominação com a ajuda da categoria rebatimento. Depois de uma retomada do que fora apresentado no colóquio de 2004 (Veiga-Neto, 2006a) em um distanciamento sutil da perspectiva de Foucault – para quem os estados de dominação eventualmente aparecem como um bloqueio das relações de poder –, emerge algo de novo: “Mais recentemente, um de nós (Lopes, 2010) acrescentou a tutela ao poder e à violência” (Veiga-Neto e Lopes, 2013, p. 110).

Com tal acréscimo, o outro, o anormal, além de contido – pela violência – e/ou conduzido – pela disciplina –, mostra-se passível de ser objeto de uma terceira modalidade de dominação. Nas páginas seguintes, violência, poder (disciplinar) e tutela são comparados quanto a uma variedade de parâmetros, que a seguir resumimos, sem exaustividade: nem ação sobre corpos (violência) nem ação sobre ações (poder), a tutela “é uma forma de proteção de uns sobre outros, considerados mais frágeis e ainda incapazes de decidir sobre suas próprias vidas”. Nem a violência nem a tutela reconhecem o desejo, a racionalidade e a capacidade de autonomia moral daquele que “tomam como objeto de sua dominação”; enquanto o poder está necessariamente entrelaçado com saberes e a violência, embora não os descarte totalmente, não os utiliza em imanência com sua própria ação, a tutela coloca uma racionalidade em movimento, “mas os tutelados não precisam participar ativamente de tal racionalidade; (...) nem mesmo se espera que eles conheçam as razões que movem seus tuteladores e os saberes sobre os quais eles se apoiam” (p.111). Sendo assim, as políticas de inclusão, tão presentes como modos de governar desde os anos 1990, pretendem exorcizar a violência, exortar a disciplina e presentificar a tutela como um imperativo (p. 118).

Neste ponto, vale recordar uma frase poético-impactante presente na publicação do III Colóquio, quando da comparação entre poder e violência, contrastando algo que ocorre com o consentimento (e eventual sentimento) da parte que sofre a ação e algo que acontece sem o consentimento (e eventualmente contra o sentimento) dessa mesma parte. Pois agora, mantendo a simetria, afirma-se: “...a tutela não envolve nem o sentimento nem o consentimento (...). A tutela não dobra nem quebra o outro, mas apenas o conduz,

pois ele é visto como um indivíduo incompleto, incapaz de decidir por si mesmo e até mesmo, muitas vezes, de compreender minimamente o mundo” (pp. 111-112).

Violência, poder e tutela não se exercem de maneira mutuamente exclusiva: hoje em dia, aliás, quase sempre se combinam e se alternam, minorando (ou alegando minorar) a violência, inclusive (ou principalmente) por meio das *políticas de inclusão*. Encerramos esta exploração do VII Colóquio, consequentemente, citando o modo como o texto em apreço articula neoliberalismo e inclusão, na forma de um diagnóstico do presente: “Os mesmos, que já estão num plano comum, decidem trazer/rebater para esse seu plano os outros que se situam em outros quaisquer planos. De modo a facilitar os processos de rebatimento, inventam-se biopolíticas e principalmente noopolíticas que, apelando para certos princípios universais – de que os direitos humanos e a cidadania são os melhores exemplos –, acabam por efetuar o rebatimento a custos mínimos, garantindo maiores níveis de segurança para a população” (p. 113).

No ano de 2013, o Colóquio Internacional Michel Foucault regressa à UERJ, onde acontecera sua primeira versão. Pouco distante no tempo das jornadas de julho, o evento dificilmente poderia ter recebido título mais apropriado: “Michel Foucault e os saberes do homem – como, na orla do mar, um rosto de areia”. A agitação permanente daqueles dias, o solo que invariavelmente se movia sob nossos pés cansados de “governamentos” de todo tipo animou Alfredo e Maura a problematizarem, uma vez mais, a inclusão social, privilegiando então, como ferramentas, as noções de *contraconduta* e *foco de experiência* (Veiga-Neto e Lopes, 2016).

Não nos estenderemos sobre o breve texto – sendo muitos os conferencistas, os organizadores pediram falas e escritos curtos –, mas insistimos em registrar o fato de novamente emergir, para além da vinculação com o título do colóquio, a necessidade de ressaltar diferenças: “...se a nossa praia é a Educação, a areia em que desenhamos nossos rostos e as águas em que nos banhamos não são as mesmas nas quais a expressiva maioria da comunidade educacional desenha seus próprios rostos ou lava suas almas” (p. 522). A situação de entrecruzamento entre os Estudos Foucaultianos e a Educação, nos termos do artigo, é dita “híbrida e cinzenta”. Não obstante isso tenha suas expensas, também goza de “imensas vantagens na medida em que se pode ver, pensar e dizer coisas que, de outra forma, ficariam invisíveis, seriam impensáveis e permaneceriam indizíveis” (p. 522).

Para Alfredo e seus colaboradores, “Foucault” é, ele próprio, um foco de experiência – uma articulação entre saberes, normas comportamentais e modos de subjetivação (Foucault, 2010, p.41) – ou, em uma formulação mais antiga e mais famosa,

uma “caixa de ferramentas”. O perigo é que se torne, como Alfredo adverte e Alain Brossat (2018) enfatizará futuramente, um “supermercado de ideias”.

Também a inclusão está sujeita a perigos: mesmo entendida como foco de experiência, pode naturalizar-se e, em decorrência, tornar-se mero imperativo. Melhor dizendo, pode passar a ser fabricada/pensada como se um imperativo fosse, fazendo esquecer, assim, “suas condições históricas de possibilidade”; melhor dizendo, apagando os “tortuosos caminhos ao longo dos quais (...) foi fabricada” e que acabaram por torná-la “um topos natural e necessário” (Veiga-Neto e Lopes, 2016, p. 529). O artigo do colóquio da UERJ é concluído com uma questão dita paradoxal, provocadora e de difícil resposta: “É possível trazer todos para o jogo e, ao mesmo tempo, evitar a voracidade destrutiva do neoliberalismo?” (Veiga-Neto e Lopes, 2016, p. 529).

Antes de passar ao último evento que focalizaremos, no qual a participação de Alfredo sofre marcante inflexão, retomemos alguns momentos de sua produção escrita para além daquela vinculada aos colóquios internacionais. Em 1994, na coletânea primeva dos Estudos Foucaultianos, organizada por Tomaz Tadeu da Silva, Alfie foi encarregado de apresentar autores que, embora pudessem contribuir para a então minguada bibliografia brasileira, não tiveram ensaios incluídos na obra, como Ian Hunter, James Donald, Karen Jones, Kevin Williamson, Keith Hoskin, Manoel Alvarado, James Marshall, Jennifer Gore, Bob Ferguson e Valerie Walkerdine. Ao final desse escrito, Alfie se refere a uma “postura foucaultiana” e a define como caracterizada pela permanente “tentativa de escapar de qualquer enquadramento que postule como não-problemáticas as ideias iluministas de um sujeito fundante, de uma razão transcendental e de um homem ou mulher natural ou universal que habitaria dentro de cada um de nós” (Veiga-Neto, 1994, pp. 244). Tal postura, em suma, aspira à implosão do edifício humanista-iluminista e não surpreende que fosse, então, pouco palatável à pedagogia brasileira, mesmo àquela dita progressista e/ou crítica.

Daí decorre que, no ano seguinte, o artigo publicado na coletânea já então organizada pelo próprio Alfredo indague, no título, se “há algo de novo sob o sol” quando se promove a aproximação entre Michel Foucault e o campo da Educação. A resposta oferecida é positiva, emprestando-se especial valor, no pensamento do filósofo, justamente à sua “atitude hipercrítica” da qual “podem nascer nossas pequenas revoltas” (Veiga-Neto, 1994b, p. 49).

Cerca de 10 anos depois, no colóquio realizado na Unicamp, em 2004, Alfie e seus colaboradores já haviam construído um plano de consistência tal para os Estudos

Foucaultianos que, tanto na apresentação oral quanto no artigo dela derivado já se podia exercitar contra Foucault o que ele próprio recomendava, ou seja, já se tornara possível usá-lo “como um instrumento, uma tática, um coquetel *molotov*, fogos de artifício a serem carbonizados após o uso” (Simons, 1995, *apud* Veiga-Neto, 2006a, p. 16). Isso não significava abandonar o filósofo, mas reativá-lo, pirotecnicamente, a cada novo presente.

Outros 10 anos se passaram antes que, no título de um artigo em coautoria, Alfredo indagasse: “Esquecer Foucault?” (Veiga-Neto e Rech, 2014, p.67). Nada semelhante à postura de nomes como Merquior, Baudrillard, Mandosio e Semprun, chamados, no texto, de “Quatro Cavaleiros”, e que fazem do filósofo francês um uso desajeitado, ferino, ranzinza ou mesmo caricatural. O que Alfie demanda que seja esquecido são os usos de Foucault como teórico “tamanho único”, “perspectiva das perspectivas” ou “pau para toda a obra”, então muito presentes (e bem recebidos) no campo das pesquisas educacionais. Alfredo chama tais usos de “impertinentes” (p. 73) e, desaconselhando-os, oferece, como alternativa, uma série de sugestões para ajudar o leitor a “pensar de outros modos” e assim, “mais tarde, quem sabe, não precisar esquecer Foucault” (p.75).

Após essa retomada não exaustiva de trabalhos de Alfredo, que se estende de 1994 a 2014, com as nuances que procuramos explicitar, passamos ao colóquio promovido em 2016, sob o tema “Foucault e as insurreições - É inútil revoltar-se?”. Não são poucos, à época, por parte do campo educacional, os reconhecimentos da profícua relação que Alfie estabelece entre a metodologia foucaultiana²⁷ e a educação. Mas, em “Gloria victis” (“Glória aos vencidos”), alocução proferida ao final do X Colóquio Internacional, na Unicamp, ele se dedica a mostrar como o “mundo dos sons passa longe do mundo de Foucault” (Veiga-Neto, 2017, p.53). Alfie-Alfredo dirige-se a um espaço pouco frequentado, o da música, posto que Foucault está sempre mais à vontade no da literatura e, depois, no das artes plásticas. Heidegger, por sua parte, exaltava a superioridade da poesia justamente por estar metricamente ligada à música. Era preciso, portanto, uma canção (*Lied*, a canção no alemão romântico) e esse instante levou Alfredo-Alfie à música de Franz Schubert - em especial a “A morte e a donzela”²⁸, com poema de Matthias Claudius. E isso aos fins que Alfie-Alfredo pretendia, “porque o dionisíaco da morte é central para os românticos” (p. 56). Lançar-se à insurreição é aproximar-se da glória,

²⁷ Cf. a resenha presente em <https://www.scielo.br/j/es/a/N46sbZMdCmyMxtwbhM9KtfK/>

²⁸ Em 1994, baseado numa peça teatral de Arien Dorfman, Roman Polanski filmou *A morte e a donzela*. Encenada no Brasil pelo grupo Ói nós aqui traveiz, em 1997 (<https://hdl.handle.net/2333.1/s7h44madp>)

“quanto mais difícil e pungente for a revolta” (p. 61). Eis a glória dos vencidos, agora vencedores, neste instante. Alfie-Alfredo introduz a música, remete-nos a outras aproximações e reveste a revolta e a insurreição com poesia e música. Mais uma vez, compõe uma parceria com Foucault. Alfie é um homem de música e saboreia, com seu paladar aguçado, o que o poeta brasileiro assinalou no verso “como é bom saber tocar um instrumento”.

Essa nova aventura foucaultiana prosseguirá no *XI Colóquio*, realizado em setembro de 2018 na Universidade Federal de Santa Catarina, com o tema “Foucault e as práticas de liberdade”. Publicados no ano seguinte, em dois volumes (Butturi Filho et al., 2019a; 2019b), os artigos decorrentes das mesas e conferências não incluem a participação de Alfredo. Neste colóquio, ele deu prosseguimento à sua inflexão poética e musical por meio da apresentação intitulada “Águas claras, águas turvas”, na mesa de número 6, na qual esteve acompanhado por Alessandro Francisco e Pedro de Souza, também afetados pela mesma inflexão, embora por vias distintas²⁹.

Coda

O termo utilizado para encimar estas palavras finais é uma deferência suplementar a Alfredo, que, aliás, por diversas vezes a usa em seus próprios artigos. *Coda*, que traduzido do italiano ao português redundaria em *cauda*, é a seção que termina uma melodia, regra geral baseada em extensões ou reelaborações de material temático previamente utilizado ao longo da composição.

Por uma dessas coincidências tão favoráveis que nem parecem derivadas do acaso, também os filhos ouvintes de pais surdos são conhecidos pela sigla CODA – *Children of Deaf Adults*, surgida em 1980 nos Estados Unidos junto a uma fundação voltada à divulgação de temas associados a tal relação. Com isso, os “codas” constituem uma comunidade internacional de pessoas cuja primeira língua é a de sinais (Libras, no Brasil).

Essa convergência entre a música e a surdez contempla tanto os interesses diversos de Alfie quanto sua parceria com Maura, estudiosa dedicada à pesquisa da relação entre surdez e educação, em especial à crítica tanto das relações tutelares – assumidas por qualquer pessoa, surda ou ouvinte, que se coloque na posição de responder pelo outro e/ou possua o domínio de uma língua (auditiva-oral ou visual-gestual) – quanto do

²⁹ Remetemos os leitores, para ver/ouvir essas alocações, ao site do colóquio <https://coloquiofoucault.sites.ufsc.br/videos-conferencia-e-mesas/>

ouvintismo – situação em que pessoas ouvintes se posicionam como as únicas capazes de determinar o que é melhor para a educação dos surdos, os quais careceriam da racionalidade necessária para tanto (Veiga-Neto e Lopes, 2013, p. 121).

Entre todos os volteios que nossa arqueogenealogia intempestiva propiciou, queremos, nesse momento de coda, destacar três. Em primeiro lugar, a percepção de que a música (ou a musicalidade), embora só seja diretamente abordada por Alfredo no X e XI colóquios, jamais esteve ausente de seus textos. Para exemplificá-lo, considere-se o uso frequente do termo *coda*, além de outros acordes verbais que igualmente o indicam, como a notável reiteração da palavra *ressonância*. Um artigo específico, alheio à série dedicada aos colóquios internacionais, ao se voltar para uma exigência de Alfredo – a *pertinência* no uso do pensamento de Foucault –, opta por se referir ao *baixo pedal* do piano. A pertinência funcionaria, nesse sentido, como “um som grave que dá sustentação às estruturas harmônicas (consonantes ou dissonantes) que se desenrolam em registros mais altos” (Veiga-Neto e Rech, 2014, p. 71).

Um segundo volteio nos conduz ao entusiasmo que Alfredo demonstra ao combinar Foucault com outros autores, embora invariavelmente mantendo-se atento às diferenças e/ou eventuais incompatibilidades. Isso se deve, ao menos em parte, a seu horror aos ditames da moda, que, no âmbito pedagógico, costumam redundar em fã-clubes exclusivistas, sejam eles marxistas, deleuzianos, piagetianos, habermasianos, freirianos...ou mesmo foucaultianos! Não apenas por isso, decerto, mas igualmente pela aversão radical que Alfie exibe pela “praga” messiânica, em uma variedade de seus escritos está presente a afirmação que se segue, utilizada quase à maneira de um mantra: “Nós não somos os guardiães do templo, nem há aqui religião; trata-se somente da vontade de saber” (Barret-Kriegel, 1990 *apud* Veiga-Neto, 2006a, p. 83).

Em terceiro lugar, entre os autores com os quais Alfredo mais se alia pode-se destacar Richard Rorty, um neopragmatista. Além de afirmar, no colóquio realizado na UERJ em 2013, que o neopragmatismo o atrai sobremaneira (Veiga-Neto, 2016, p. 524), a distinção estabelecida por Rorty entre pensadores *sistemáticos* e pensadores *edificantes* emerge na pena de Alfie com frequência comparável à da citação de Barret-Kriegel antes mencionada, sempre no intuito de situar Michel Foucault na segunda dessas classificações. Vejamos, conseqüentemente, a distinção proposta: “Os grandes filósofos sistemáticos (...) constroem para a eternidade. Os grandes filósofos edificantes destroem para o bem de sua própria geração. Os filósofos sistemáticos querem colocar o seu tema no caminho seguro de uma Ciência. Os filósofos edificantes querem manter o espaço

aberto para a sensação de admiração que os poetas podem por vezes causar – admiração por haver algo de novo debaixo do sol, algo que não é uma representação exata do que já ali estava, algo que pelo menos no momento não pode ser explicado e que mal pode ser descrito (Rorty, 1988, *apud* Veiga-Neto, 2006a, p. 80).

Avesso à dialética, ao menos quando esta se quer soberana, Alfredo admira os paradoxos: fala com frequência, como antecipamos, em “fidelidade infiel” a Foucault. É curioso, com efeito, pensar nos usos que faz deste último, sempre tão irônico e de conduta tão *impertinente*, com apoio em uma sonoridade que diz estar apoiada no “baixo pedal da pertinência”. Curioso, igualmente, por mais que a descrição de Rorty soe apropriada para caracterizar o “Careca”, é dizê-lo “edificante”.

Nosso amor à vida secreta das palavras é próximo daquele que Alfie demonstra, por mais que sua etimologia seja rigorosa e a nossa, quase sempre, lúdica. Por esse motivo, em nosso próprio léxico, Alfredo soa pertinentemente impertinente e sistematicamente edificante. Por isso o amamos e admiramos sem templo, apenas com a coragem (arriscada) de saber.

Referências

- BROSSAT, Alain. Caixa de ferramentas ou supermercado de ideias? *Mnemosine*. V.14, n.1, 2018
- BARRET-KRIEGLER, Blandine. Michel Foucault y el Estado de policía. Em BALBIER, E. et al. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990
- BUTTURI FILHO, Atílio et al. (orgs.) *Foucault e as práticas de liberdade I: o vivo e os seus limites*. Campinas/SP: Pontes, 2019a.
- BUTTURI FILHO, Atílio et al. (orgs.) *Foucault e as práticas de liberdade II: topologias políticas e heterotopologias*. Campinas/SP: Pontes, 2019b.
- CASARIM, Thiago. *Estética, saber, modernidade*. A arqueologia de Michel Foucault e os signos musicais. Curitiba: Appris, 2019
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Uma conversa com Alfredo Veiga-Neto. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, V. 6 N. 03, set - dez 2020.
- DUBET, F. Foucault et l'école: une absence d'usage. Em: BERT, J.-F. e LAMY, J. (dir.) *Michel Foucault: un héritage critique*. Paris: CNRS Éditions, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité*. Vol. 2: l'usage des plaisirs. Paris: Gallimard, 1984a.

- FOUCAULT, Michel. De la nature humaine: justice contre pouvoir. Em: *Dits et Écrits II*. Paris: Gallimard, 1984b.
- FOUCAULT, Michel. Est-il donc importante de penser? Em: *Dits et Écrits IV*. Paris: Gallimard, 1984c
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987a.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987b.
- FOUCAULT, Michel. Anti-Édipo: uma introdução à vida não-fascista. Em: ESCOBAR, C.H. (org.) *Dossier Deleuze*. Rio de Janeiro: Taurus, 1991.
- FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. 4 vols. Paris: Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Il faut défendre la société*. Paris: Gallimard/Seuil, 1997a.
- FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France 1970-1982*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997b
- FOUCAULT, Michel. *Les anormaux*. Paris: Gallimard/Seuil, 1999a
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia. Em: *Ditos e Escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FRANCISCO, Alessandro. O momento monteverdiano: análise da ruptura epistêmica entre Renascimento e Idade Clássica na história da música. Em: BUTTURI JR., Atílio et al.(orgs.) *Foucault e as práticas de liberdade II: Topologias políticas e heterotopologias*. Campinas/ SP : Pontes, 2019
- KANT, Immanuel. *Réflexion sur l'Éducation*. Paris: Vrin, 1962
- LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LOPES, Maura Corcini. Narrativas surda: a condução da conduta dos escolares. *Anais do XV ENDIPE*. Belo Horizonte ENDIPE/UFMG, 2010
- MUCHAIL, Salma Tanus; RAGO, Margareth; FONSECA, Marcio Alves; TOMELIN, Georgio Alessandro; SOUZA, Pedro (orgs.). *Michel Foucault: devir do pensamento e multiplicação de práticas*. Campinas/ SP: Pontes, 2023.
- NOGUERA-RAMÍREZ, Carlos Ernesto. Prólogo. *Strange Fruit*. Em: *Alfredo Veiga-Neto y los estudios foucaultianos en educación*. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2018.
- PASSETTI, Edson; AUGUSTO, Acácio. *Anarquismos e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

- PRADO JUNIOR, Bento. A educação depois de 1968, ou cem anos de ilusão. Em: CHAUI, Marilena et al. *Descaminhos da educação no pós 68*. Coleção Debates. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo. Apresentação. Aquela história de pirotécnico... Em: *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- RORTY, Richard. *A filosofia e o espelho da natureza*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SIMONS, Jon. *Foucault and the political*. London: Routledge, 1995.
- TRAVERSINI, C.S.; FABRIS, E.T.H.; RESENDE, H.; GALLO, S. (orgs.) *Alfredo Veiga-Neto: modos de ser e pensar junto com Michel Foucault*. São Carlos/SP: Pedro e João, 2022.
- VEIGA-NETO, Alfredo (org.). *Crítica Pós-Estruturalista e Educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995a.
- VEIGA-NETO, Alfredo. *A ordem das disciplinas*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade federal do Rio Grande do Sul, 1996.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. Em: PORTOCARRERO, Vera; CASTELO BRANCO, Guilherme (orgs). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: NAU, 2000.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Coisas do governo... Em: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). *Imagens de Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002
- VEIGA-NETO, Alfredo. *Michel Foucault e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império. Em: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006a.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Compreensão e rebeldia sobre nós mesmos. *IHU-Online*, edição 203, 6 de novembro de 2006b.
- VEIGA-NETO, Alfredo. O currículo e seus três adversários: os funcionários da verdade, os técnicos do desejo, o fascismo. Em: Rago, Margareth e Veiga-Neto, Alfredo (orgs.). *Por uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Algumas palavras de abertura ao VI Colóquio Internacional Michel Foucault. Em: CASTELO BRANCO, Guilherme; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). *Foucault, filosofia e política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011a.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Governamentalidades, neoliberalismo e educação. Em: CASTELO BRANCO, Guilherme; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). *Foucault, filosofia e política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011b.
- VEIGA-NETO, Alfredo. “A ecopolítica e a desfronteirização do humano. Apontamentos e provocações”. *Revista Ecopolítica*, São Paulo, n. 6, jan-abr, 2013, pp. 65-73. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/14984/11256>

- VEIGA-NETO, Alfredo. “Abrindo arquivos libertários”. *Revista Ecopolítica*, São Paulo, n. 11, jan-abr, 2015, pp. 68-71. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/23575/16902>
- VEIGA-NETO, Alfredo. Gloria Victis. Em: RAGO, Margareth; GALLO, Silvio (orgs). *Michel Foucault e as insurreições: é inútil revoltar-se?* São Paulo: Intermeios/Fapesp, 2017.
- VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. Rebatimentos: a inclusão como dominação do outro pelo mesmo. Em: MUCHAIL, Salma Tannus; FONSECA, Márcio Alves; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). *O mesmo e o outro: 50 anos de História da loucura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. A alma é deste mundo. Em: CARVALHO, Alexandre Fiordi; GALLO, Silvio (orgs.) *Repensar a educação 40 anos após Vigiar e Punir*. São Paulo: Livraria da Física, 2015.
- VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. Contraconduta e foco de experiência: ferramentas para problematizar a inclusão social. Em: RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; PORTOCARRERO, Vera; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.) *Michel Foucault e os saberes do homem – como, na orla do mar, um rosto de areia*. Curitiba: Prismas, 2016.
- VEIGA-NETO, Alfredo; RECH, Tatiana Luiza. Esquecer Foucault? *Pro-posições*. V.25, n.2 (74), mai-ago 2014.